

O Departamento de Letras mais um vez consegue, através de seu concurso literário, agregar cronistas de Sorocaba e região. Aproximadamente oitenta autores inscreveram-se. Os professores Ana Maria Gurgel de Oliveira Gonzalez, José Duarte Vannucchi e Maria Flávia Camargo Steffen, pertencentes ao Departamento de Letras e componentes da comissão julgadora, classificaram os trabalhos que seguem:

- 1º lugar - "CRÔNICA DE UM ENTARDECER" de **Maria Virgília Frota Guaríglia**;
- 2º lugar - "SER HUMANO" de **Dimas Vieira**;
- 3º lugar - "AMOR DE LANCHONETE" de **Celso Ribeiro**;
- 4º lugar - "A ROMARIA DO VELHO" de **Benedito Walter Marinho Martins**;
- 5º lugar - "AZÁLEA OU AZALÉA" de **Valdecir Rocha Pinto**.

Os prêmios, em dinheiro, foram oferecidos pela Overseas Turismo Ltda, Livraria Prosa e Verso e Fundação Dom Aguirre e entregues aos vencedores em solenidade realizada no salão nobre da entidade, no dia 28 de novembro de 1990, ocasião em que o Jornalista **Geraldo Bonadio**, Presidente da Academia Sorocabana de Letras, discorreu sobre o tema "O DIA-A-DIA NA VIDA DE UM JORNAL".

A Revista de Estudos Universitários da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, como tem feito desde 1981, publica os trabalhos vencedores.

1º Lugar

CRÔNICA DE UM ENTARDECER

Amavas-me, então? Mas... demoraste. Permitiste que o tempo implacável pusesse as mãos em mim, desmanchando-me as formas, amassando-me o rosto, nevando-me os cabelos. Liberaste a entrada de outros, muitos outros que me sugaram o corpo e a alma - mamas poucas, moles e secas que já não atraem, nem nutrem ninguém. Deixaste que a fria noite me violentasse. Encontraste-me os destroços. Demoraste...

Já não mais sei ver um pôr-de-sol, já não mais gozo as delícias de uma tarde de verão, não me extasio ante um ipê florido, não me enternece o sorrir de uma criança. Uma vida de sombras... Minhas lágrimas congeladas. Meu sorriso fanado. Minha voz vazia.

Ao fim de tanto silêncio, pretendes um renascer... Colar nossos pedaços? Sempre tiveste algo de ingênuo e ridículo. Mesmo assim, estou com tua carta nas mãos... o teu recado. O traço trêmulo e incerto revela que o tempo também te castigou.

"Querida ..." (Querida ? A propósito, Pessoa, não foste tu que disseste que "todas as cartas de amor são ridículas ?")

"Jamais te esquecerei (Voltaste a ser criança!), porque és a mais suave das brisas a refrescar o meu rosto cansado e molhado de suor." (Engraçado, já é tarde e o padeiro ainda não veio.)

"Jamais te esquecerei, porque tens o olhar do oceano: um grande mistério jaz em suas profundezas e uma beleza imensa emerge de seu íntimo." (Alain, seu danado, larga meu novelo de lã!)

"Jamais te esquecerei, porque entraste - sem fazer barulho, colocaste as coisas em ordem e te deixaste ficar, quietinha, imóvel, no teu canto, espreitando o meu despertar..." (Como eras lindo enquanto dormias!)

"Jamais te esquecerei, porque preenches-te meu ser, célula por célula, com o plasma mágico do amor e me devolveste a certeza de que este amor existe para além das exigências carnis e persiste até a anulação das mesmas." (Preciso - telefonar ao doutor Eurico. Estas dentaduras frouxas andam machucando-me as gengivas.)

"Jamais te esquecerei, porque tuas palavras são como o canto suave dos pássaros: revivem doces romperes de auroras e invocam tristes porres-de-sol." (Meu Deus! o feijão! Benedita!!!...)

"Jamais te esquecerei, porque tua presença é como o sol, grande bola de fogo que há muito abandonou o horizonte, mas seu reflexo lhe espelha a imagem na tarde morna e silenciosa..." (Hum! ... Horrívelzinho! Pobre querido! Nunca conseguiste escrever bem. Lias os clássicos, mas nunca foste com Machado de Assis. Os poemas de Bilac... tu os sabia de cor, quase todos... Nos dias frios, aninhavas-te junto a mim, pés gelados procurando os meus e brincavas com voz tumular: "Nunca morrer assim... num dia assim... de "frio" assim..." ___ e acariciando-me os seios ___

"com um amor tão quente assim..." Desaver-
gonhado!!)

"Jamais te esquecerei, meu amor, porque existe em ti um dar-se abandonado, despreocupado, integral e puro." (Lembras-te da exótica e selvagem Praia das Ilusões? Não foi tão puro, como queres!...)

"Jamais te esquecerei, porque me aceitas te sem críticas, nem restrições, fazendo-me entender a relatividade do Bem e do Mal e dando-me o prazer de uma noite de amor, com um simples roçar de mãos." (Ontem a missa foi tão bonita! Gosto dos sermões de Padre Antônio. E Carol teimava em não ir. Velha impossível!)

"Por isso, amor, quando, na primavera, vires a explosão colorida das flores; no verão, ouvires a algazarra festiva das crianças e dos pássaros; no outono, acompanhares, com o triste farfalhar de folhas secas, o doce lamento do vento e, no inverno, sentires o recolher da vida, recebe e entende meu recado: jamais te esquecerei" (Meus olhos estão cansados... lacrimejantes... já não mais posso ler... Imagine!... algumas poucas linhas... mal as enxergo ... Preciso -- mesmo voltar ao oculista!)

MARIA VIRGÍLIA FROTA GUARÍGLIA

SER HUMANO

É que o verão estava quase se instalando. E sentia-se isso pelo seco estalar de tempo no início do dia. A poeira seca levantava-se pelo ar em golfadas mornas.

Quando abriu os olhos naquela manhã, algo agitou-se em seu íntimo como num presságio. Presságio de via-crúcis e tortura doida, incessante, doída, pois sabia. Cada verão era a mesma coisa insuportável. Cada verão fazia de si um espantoso que, de sol a sol, esturrica-se entre o verde da plantação. Quando abriu os olhos naquela manhã, viera-lhe a certeza de mais um insuportável verão e o sangue começava a inquietar-se deliciosamente nas veias. O mesmo sangue que, no verão passado, correrá enlouquecidamente dentro de si. Não que no inverno fosse diferente. No inverno só não havia o insulto da carne exposta: a ostentação das peles passeando pelos seus olhos descarnados.

Quando saiu à rua, sabia - como a semente sabe que chegou a hora de rasgar a terra e dar-se em flor - sabia que o tormento das peles instalava na vida um novo e nervoso período de verão. O estalar do tempo, apesar da aceleração contemporânea da vida, era como se fosse ficando cada vez mais vagaroso - ferro em brasa marcando de leve, com intensa e perfeita precisão o símbolo no couro nu. Enquanto caminhava pela mornidão daquele dia, sentia com certeza crua o vento a eriçar-lhe os pêlos todos como que provocando o vulcão dentro de si. E como era difícil resistir aos sons reverberantes dos outros ao seu redor. 0

som vibrando nos átomos do seu ser era o chamado para perder-se em todos os prazeres pelos séculos proibidos.

Tamanha indecência - concluía - era o que lhe atirava na cara a inocência do seu querer. Como se o seu querer fosse coisa pequena. Pelo tamanho daquela criatura não dava para perceber o quanto queria. Se pudesse engoliria o mundo e como se para isso bastasse apenas um só gole d'água. Mas o mundo era o imenso mundo e, já que não podia tê-lo inteiro, queria com ardor de sangue em ebulição aquilo que no mundo faz o mundo expandir-se: a jóia humana suada, atraindo em cada esquina, macerando em cada ângulo da existência e repelindo simplesmente, ao passar sem notar sua presença trêmula.

Chorou.

Chorou miúdo no silêncio do intenso crepúsculo só para conter suas garras violentas de grudarem-se no primeiro pescoço melado do dia. Em cada pescoço pulsando estava o mundo carregado de movimento vivo, pois. Como era penoso apenas olhar para os corpos corados de puro sol, sem saber como misturar-se a eles num frêmito de vontade funda! Nunca tivera a fórmula do aproximar-se gradual e sem choque. A violência do seu sangue só conhecia o ataque. Seu sangue milenar não suportava o jogo ingênuo da conquista, as mesquinhas das mentiras que orbitam o ponto crucial de dois corpos esfregando-se na entrega lúcida - de uma fricção orgásmica. Violência, sim, violência era o que constituía todo seu ser suado, ensangüentado por dentro e coagulado por fora apenas por conter-se perante um mundo espantado e aprisionado em pudores fraudulentos. Tinha que arrefecer o fogo do seu interior para não se con

sumir nessa tortura quente de verão. Por Deus , precisava de um pico algodoado de frio gelo para refrescar seu âmago incandescente.

Foi nessa perdição de descargas elétricas cerebrais que se percebeu imóvel diante do bar vazio. Este, talvez, fosse o horário preciso para buscar a preciosa calma interna, já que todos os outros seres, neste início de noite, deveriam estar banhando-se para a exposição sob o incandescente das estrelas. Sentou-se no atordoado banco giratório e pediu uma cerveja gelada, a mais gelada do bar, a mais gelada do grande mundo. E, mesmo repugnando seu sabor amargo, de olhos cerrados tomou quase que num gole só o amargor da bebida espumante, erótica, inebriante. Com a cabeça levemente inclinada para o lado, as entranhas aquecendo a bebida, suspendeu lentamente as pálpebras e, reunindo todos as forças que lhe sobraram do dia, estancou na garganta o gemido impossível.

Os pés.

Os pés desnudos, ordenados apenas pelos retorcidos fios finos das sândalias estavam ali, inocentes, tentadores. Os pés ligados às pernas que, ligadas às coxas que, ligadas ao resto, moldavam o corpo sentado no banco alucinado ao lado do seu. Cambaleou para não se atirar de boca naqueles pés perfeitos e implorar, chorando, a salvação de suas lavas. Podia assistir às veias latejando nos pés descaradamente expostos, suados, alienados, convidativos.

Virou num só gole o resto da cerveja como que para afogar-se e morrer para sempre e matar - para sempre o ímpeto que triturava e escarnecia e roía sua carne na luxúria da negra noite. E, em virando a bebida para dentro de si, virou de sope--

tão sua cabeça débil para o outro lado, num ato covarde de fuga, mas o gemido impossível, desta vez, escapou num fio de voz quase inaudível.

As mãos.

As mãos carnudas, pousadas nas coxas carnudas, colocavam aquela pobre criatura numa prisão entre cruz e espada; entre os pés e as mãos de todos os corpos incandescentes e - vivos. Incomensuravelmente vivos.

Nos seus lados direito e esquerdo, em bancos estertorados de sangrentos seres humanos, vibrantes, suados de louco verão, com mãos e pés e o resto a torturar-lhe a parca existência, virou em goladas velozes e amargas outra cerveja - inteiramente gelada. E de seu mais íntimo e amargo canto escuro, melado e úmido, na viscosidade da noite pensou:

— O Inferno é o desejo.

DIMAS VIEIRA

AMOR DE LANCHONETE

O garotão e a garota chegaram à lanchonete do Shopping, pediram sorvete e foram sentar lá no cantinho. Os dois com aparelhinho nos dentes, os dois com cara de quem estava matando aula em plena tarde.

Sorvete nos lábios, lábios no sorvete, aparelhinho no aparelhinho, olhos fechados à luz do dia. Beijo guloso-guloseima, doce beijo não dietético. Existe algo mais doce do que um beijo de lanchonete? E se um aparelhinho enroscar-se no outro?

O verbo amar do primeiro amor é assim: um verbo sempre conjugado com aquela volúpia de quem imagina morango entre os dentes.

Amar, verbo transitivo, trânsito aberto com permissão para excesso de velocidade do coração acelerado.

Amar, verbo livre que fica mais autêntico se for malconjugado e malconcordado.

— Você é um bobo... eu te amo!, disse a mocinha, lá no canto da lanchonete.

Amor de amoreco mistura tu com você e tem beijo de fazer eco.

— Eu amo você, tolinha!, responde ele, como se fosse a frase mais original do mundo, dita pela primeira vez. Para eles era.

"Eu amo você" é o erro de português mais lindo que existe! Na regra de um caso de amor, o

correto é ir reto no oblíquo, um totalmente sujeito ao predicado do outro. Não, não, assim fica piegas!

Se ela dissesse "Eu o amo, querido" e ele respondesse "Amo-a também, fofa", seria o correto mais sem graça e sem fogo do mundo.

O garotão e a garota lá no cantinho nem bonitos são. Mas existe rosto mais bonito que o rosto de quem está apaixonado? A imantação do Amor enlinda e bonifica. Veja como ambos conjugam o verbo amar nas pessoas, no modo e no tempo certos! Nos bancos da lanchonete.

Jeans, camisetas com frases em inglês, só falta eles dizerem "I love you". Ou melhor: um "Eu te love you", bem brasileiro.

Estava eu com os olhos platônicos saboreando aquele sorvete-beijo que nem percebi a moça do balcão da lanchonete aproximar-se da minha mesa:

— E aí, vai sorvete de quê?

Sorvete de quê...

Olhei para ela, apontei para o casalzinho e disse com água na boca e nos olhos:

— Me manda um daquele lá!

CELSO RIBEIRO

A ROMARIA DO VELHO

O dia amanheceu claro e o velho aproveitou para visitar as belas rosas, as frescas murtas e as borboletas que de todas as partes correm a amar ao seu jardim, como diz. As flores rodeiam o chalé de dois pavimentos, construído no centro do terreno.

Tomou o café, arrumou-se, saiu. Ali vai ele para a peregrinação de todos os domingos, figura humana de um velho abatido, já se abeirando dos setenta. Os cabelos, a barba e o bigode são quase inteiramente brancos. O traje é escuro, a gravata acompanha e também o chapéu. No braço esquerdo o guarda-chuva, pode o tempo mudar, há nuvens no poente. Colado ao nariz, o pincenê de aros dourados.

A passos lentos chega à florista. O buquê está pronto. Veio de longe, colorido mas discreto. O velho mira-o satisfeito, quase sorri, como a dizer: "Ela merece..."

A florista já sabe, faz um embrulho, como sempre. Percebeu que ele sente um quase pudor de mostrar aos olhos curiosos dos transeutes o ramalhete, as flores que leva para ela. Os seus sentimentos não são para o público.

O velho paga e ainda agradece, naquela delicadeza tímida a que a mulher já está acostumada.

Ao tomar o bonde, um dissabor. O cobrador lhe diz não mais ser permitido carregar embrulhos na primeira classe. O velho não se ofende. Dirige-se humildemente à segunda, pedindo

desculpas. Faz tudo por ela e é pouco. Ela sofreria mais que isso sem reclamar, se fosse para fazê-lo feliz.

Depois do bonde, pequena jornada até o cemitério. Entra. Vai olhando para os túmulos, vez por outra pára e lê as inscrições. Pensamentos - mil lhe ocorrem. Quanta ventura coberta pela poeira do caminhar dos dias que se sucedem tão rápidos!

Chega ao jazigo perpétuo: 1359 diz a fria placa de metal. Desembrulha, põe as flores carinhosamente sobre o mármore. Com o olharzinho esquivo, confirma se não há gente por perto. Depois se abaixa para beijar religiosamente o nome gravado sobre a laje. Mas o pó da semana quase o cobriu. O velho tira do bolso o próprio lenço e vai limpando a inscrição. Observa o trabalho; as letras, agora, aparecem nítidas e palpitantes: Carolina Augusta Machado de Assis. Morta aos 20 de outubro de 1904.

BENEDITO WALTER MARINHO MARTINS

AZÁLEA OU AZALÉIA?

—— Ah! Ah! Diriam que estou filosofando. É, filosofando. Como Platão. Não, Aristóteles. Aristóteles Onassis. Filosofar com o bolso cheio é outra coisa. É como dominar as pessoas. "Faça isso, faça aquilo" e as pessoas fazem, feito cachorrinhos. Quero uísque, quero velejar, quero uma ilha. E compro... Mas não posso comprar tudo. Não posso mudar de sexo sem deixar vestígios. Não posso...

—— Ah! se eu pudesse voltar o tempo e nascer de novo. "Que linda menininha". "É minha filhinha, minha linda menininha", imagino mamãe dizendo, "a filha que eu sempre quis ter"... Mas não posso fazer nada. Tenho que continuar sendo macho: o homem da casa, o homem no trabalho, o homem, o homem... basta! Tenho que ser eu mesmo. Só que para isso teria que brigar com toda a sociedade. A começar pela manhã, quando encontro o "seo" João cuidando do jardim da sua casa.

—— Bom dia, "seo" João!

—— Bom dia, Maria Cecília (que nome lindo!)

Depois é no trabalho. Lá é difícil. Não admitiriam um transformista no caixa. Banco é aquela água. Mas tudo bem. Mulher também usa blêizer e de uma sandalhinha no meu pé ninguém iria falar nada. Ou falaria? Se falassem, eu colocaria vestido. É, sim. Um vestido vermelho com bordados cintilantes no decote desavergonhado e os mesmos bordados na cintura. Haveria de ter algum detalhe preto pra combinar com a sandália e a bolsa...

— Isso é sonho. Acho que me matariam se eu fosse transformista. As pessoas não têm cabeça para isso. Meu irmão, ele se diz liberal, mas seria o primeiro a meter umas bolachas em mim (iria manchar toda a minha maquiagem). Depois seria o meu pai. Minha mãezinha, talvez, me compreendesse se fosse viva. O "seo" João, em seu jardim, nunca me aceitaria como vizinho.

— As pessoas esquecem que o sexo é opção. Adianta eu ser um completo homem por fora e uma mulher quase completa por dentro? Não adianta. Nem adianta eu deixar de entender esse comportamento das pessoas. O comportamento azul para menino e rosa para menina. Sou azul, mas sou também rosa. Sou quase uma escola de samba.

— Como vai, "seo" João?

— Está um lindo dia, não?

— Suas flores estão bonitas. Olhe que linda azálea!

— O Sr. tem um cuidado muito especial com suas flores. O Sr. funde-se com elas. Há momentos em que penso ser o Sr. sua flor mais linda.

— Preciso ir ao banco. A gente tem que trabalhar. Até mais tarde.

Como o "seo" João foi seco. Acho que ele desconfia de mim. Imagina se eu apareço na sua frente, vestido como uma mulher. Se eu exteriorizo o que sinto por dentro. Ele não entenderia.

Nunca. Como ele, toda a sociedade. Sociedade preconceituosa. Sociedade puritana, que se delicia com mulher pelada na TV, mas faz campanha "pra inglês ver" contra a vergonha que passa na televisão. Todos vêm TV para, depois, dizerem que a telinha está - pervertendo. São todos uns pervertidos, falsos moralistas.

— O Sr. tem uma nota de cem?

— Obrigado, aqui está seu troco.

— Hoje é sexta-feira. Noite linda. Vou aproveitá-la, dormindo. E vou sonhar, sonhar. Viajar. O preço da passagem: fechar os olhos.

— Esperei tanto por você.

— Ainda bem que você veio ao meu encontro.

— Vamos passear?

— Dê-me sua mão. O jardim é lindo. Olha que maravilha aquela azálea...

VALDECIR ROCHA PINTO